

A Etnomatemática presente no processo de feitura e utilização do Monde para o povo Guarani Nandeva

Sidnei Vera

Paranhos, Mato Grosso do Sul, Brasil
sidneivera16@hotmail.com

Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação em Matemática - FAIND
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
<https://orcid.org/0009-0006-0427-3948>

O Monde e as Memórias do Tekoha Ypo'i

Ainda era cedo quando saímos em direção à roça (*Kokue*). O sereno repousava sobre as folhas e o cheiro da terra molhada parecia acordar junto com o canto dos pássaros. Meu pai, Bernardo Vera, caminhava na frente, observando cada detalhe do caminho, como quem conversa silenciosamente com a natureza e com o *Jara* (Deus das matas). Eu seguia atrás, carregando comigo não apenas a vontade de aprender a fazer o *Monde* (Armadilha), mas também o desejo de compreender os ensinamentos que vivem guardados entre as árvores do *Tekoha Ypo'i*.

Meu pai sempre dizia que o Monde não era apenas uma armadilha. Para ele, o Monde era um ensinamento deixado pelos antigos, um jeito de aprender a respeitar os animais, o território e a vida. Enquanto caminhávamos, ele apontava marcas no chão, rastros quase invisíveis para mim, mas claros para seus olhos acostumados com a floresta. Ali passava o tatu, explicou com calma, como se estivesse me apresentando um velho conhecido.

Chegando ao lugar escolhido, meu pai observou um coqueiro e decidiu que aquele serviria para a construção. Disse que precisava ser pesado, forte o suficiente para impedir a fuga do animal. Contou os passos cuidadosamente antes de cortar a madeira. Não havia fita métrica, régua ou qualquer instrumento moderno. O corpo era a medida. O palmo, os braços e os passos guiavam tudo. Naquele momento percebi que existia uma matemática



diferente da ensinada nos livros: uma matemática viva, feita da experiência, da observação e da memória dos mais velhos.

Enquanto ele cortava as madeiras, eu juntava os pedaços espalhados pelo chão. O som do machado ecoava pela mata, misturado ao vento que passava pelas árvores. Meu pai escolhia apenas algumas espécies específicas, porque conhecia a resistência e a durabilidade de cada uma delas. O *jaguara'tay* era preferido porque não possuía muitos galhos e resistia por mais tempo à chuva e ao tempo. Cada escolha tinha um motivo, cada detalhe carregava um conhecimento antigo.

Ao começar a montagem do Monde, meu pai mediu a entrada utilizando a largura do tronco do coqueiro. Explicou que o tatu precisava entrar sem desconfiar da armadilha, mas também não poderia ter espaço para escapar. Tudo precisava estar equilibrado. Depois amarrou as estruturas com cipó e testou a resistência puxando com força. O cuidado com o trabalho mostrava que aquilo não era feito de qualquer maneira. Havia paciência, técnica e respeito.

Enquanto ajudava na construção, lembrei das histórias que meu pai contava sobre sua infância. Naquele tempo, ele aprendeu tudo acompanhando meus avós na mata. Não existia escola próxima, e os conhecimentos eram ensinados diretamente na prática, observando os mais velhos. Aprendia-se a cuidar da roça, a reconhecer os ciclos da natureza, a pescar e a construir armadilhas. A floresta era a sala de aula, e os anciãos eram os professores.

Meu pai contou que antigamente cada família possuía vários Monde espalhados pela mata. Todos os dias os homens saíam cedo para verificar se haviam capturado algum tatu. Quando conseguiam caça, a carne era dividida entre a parentela e os vizinhos. Ninguém comia sozinho. Compartilhar faz parte da vida comunitária. Minha mãe também tinha papel importante nesse processo. Era ela quem limpava a carne e ajudava a preparar o alimento para toda a família.



Hoje, muita coisa mudou. Os territórios diminuíram, as matas ficaram menores e os costumes antigos passaram a ser pouco praticados. Depois da morte da minha mãe, meu pai quase deixou de fazer o Monde, porque já não havia quem o ajudasse na limpeza da caça como antes. Ainda assim, ele nunca abandonou completamente esse conhecimento. Sempre dizia que os ensinamentos dos antigos não podem morrer.

Enquanto montávamos a armadilha, meu pai também falava da luta pelo Tekoha Ypo'i. Suas palavras carregavam lembranças difíceis. Contava sobre o sofrimento das retomadas, das ameaças, dos tiros e do medo vivido pelas famílias. Lembrava dos parentes assassinados e desaparecidos, das noites de reza pedindo proteção e coragem para continuar no território. Mesmo diante da violência, a comunidade permaneceu firme.

Meu avô Marciano Vera foi um dos que mais lutaram pelo retorno ao Ypo'i. Antes de morrer, pediu ao meu pai que continuasse essa caminhada e levasse novamente a família para o tekoha de origem. Meu pai guardou essa promessa no coração. Participou dos *Aty Guasu* (movimento indígena), fortaleceu alianças e nunca desistiu da retomada. Para ele, voltar ao território não significava apenas recuperar uma terra, mas recuperar também os saberes, a espiritualidade e o modo de vida Guarani Ñandeva.

Talvez por isso o Monde tenha um significado tão profundo. Construir a armadilha é também reconstruir memórias. É lembrar dos antigos, reviver os ensinamentos e mostrar que a cultura continua viva. Cada cipó amarrado, cada tronco levantado e cada rastro observado representa uma forma de resistência.

Quando finalmente terminamos o Monde, meu pai ficou observando a armadilha em silêncio por alguns instantes. Depois sorriu de leve, satisfeito com o trabalho concluído. Ao redor, colocamos *karaguatá* para impedir que o tatu desviasse do caminho. Folhas secas foram espalhadas para esconder a estrutura e deixá-la parecida com a própria mata. Tudo precisava parecer natural.

Naquele instante compreendi que o Monde ensina muito mais do que caçar. Ele ensina paciência, atenção e respeito pela natureza. Ensina também que o conhecimento



não vive apenas nos livros, mas nas mãos calejadas dos mais velhos, nas histórias contadas ao redor da família e na convivência com o território.

Hoje, muitas crianças indígenas já não acompanham os pais na mata como antigamente. A escola ocupa grande parte do tempo, e os costumes tradicionais vão ficando distantes. Por isso, registrar essas histórias se torna tão importante. O Monde talvez seja pouco utilizado atualmente, mas continua vivo na memória do nosso povo.

Quando penso naquele dia na mata ao lado do meu pai, entendo que não estávamos apenas construindo uma armadilha. Estávamos fortalecendo nossa identidade, revivendo os ensinamentos dos ancestrais e reafirmando que a cultura Guarani Ñandeva continua resistindo, mesmo diante das dificuldades.

O Monde permanece como símbolo dessa resistência. Ele mostra que nossa relação com a natureza é feita de equilíbrio e respeito. Mostra também que os conhecimentos antigos continuam ensinando novas gerações sobre coletividade, cuidado e pertencimento.

E enquanto houver alguém disposto a caminhar pela mata, ouvir os mais velhos e aprender os caminhos do tatu, o Monde jamais desaparecerá completamente. Porque ele vive não apenas na madeira e no cipó, mas principalmente na memória, na luta e na alma do povo Guarani Ñandeva.

Por fim, ressalto que a Etnomatemática ou a nossa matemática indígena presente na construção e utilização do Monde demonstra que os conhecimentos matemáticos não estão restritos apenas aos conteúdos ensinados nas escolas, mas também fazem parte das práticas culturais e do cotidiano do nosso povo. Durante a construção da armadilha, são utilizados conhecimentos relacionados à medida, proporção, simetria, espaço e observação da natureza, desenvolvidos a partir da experiência e transmitidos de geração em geração, nomes estes dados pelos *Karai kura* (não indígenas). O uso do palmo, dos passos e da largura dos troncos como formas de medição revela uma matemática própria, construída a partir da vivência no território e da relação com o ambiente natural.

Além disso, a etnomatemática evidencia a importância de valorizar os saberes tradicionais dentro da Educação Indígena, fortalecendo a identidade cultural e o respeito aos conhecimentos ancestrais. O Monde mostra que a matemática pode ser ensinada de maneira contextualizada, conectando os conteúdos escolares às práticas culturais da comunidade. Dessa forma, a etnomatemática contribui para uma educação intercultural, *bilíngue* e cosmológica, na qual os mais novos reconhecem que os conhecimentos de seus povos possuem grande valor científico, cultural e histórico, fortalecendo a continuidade das tradições e a preservação da memória singular Guarani Ñandeva.



A Etnomatemática presente no processo de feitura e utilização do Monde para o povo Guarani Nandeva

The Ethnomathematics Present in the Process of Making and Using the Monde among the Guarani Nandeva People

La Etnomatemática Presente en el Proceso de Elaboración y Utilización del Monde para el Pueblo Guaraní Nandeva

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões sobre a etnomatemática presente no processo de construção e utilização do Monde pelo povo Guarani Nandeva no Tekoha Ypo'i, município de Paranhos-MS. A pesquisa evidencia que os conhecimentos matemáticos estão presentes nas práticas tradicionais, por meio das medidas, proporções, observação dos rastros e organização da armadilha. A construção do Monde demonstra uma matemática vinculada à vivência comunitária, à relação com a natureza e à transmissão de saberes entre gerações. Assim, a etnomatemática fortalece a valorização cultural e contribui para uma educação intercultural, cosmológica e sociocultural, baseada nos conhecimentos ancestrais e na preservação da identidade Guarani Nandeva. lógica e sociocultural.

Palavras-chave: Etnomatemática. Monde. Saberes tradicionais. Educação Indígena. Cultura Nandeva.

Abstract

This work presents reflections on the ethnomathematics present in the process of constructing and using the Monde by the Guarani Nandeva people in the Tekoha Ypo'i, municipality of Paranhos-MS. The research highlights that mathematical knowledge is present in traditional practices through measurements, proportions, observation of animal tracks, and the organization of the trap. The construction of the Monde demonstrates a mathematics connected to community life, the relationship with nature, and the transmission of knowledge between generations. Thus, ethnomathematics strengthens cultural appreciation and contributes to an intercultural, cosmological, logical, and sociocultural education, based on ancestral knowledge and the preservation of Guarani Nandeva identity.

Keywords: Ethnomathematics. Monde. Traditional knowledge. Indigenous Education. Nandeva Culture.

Resumen

Este trabajo presenta reflexiones sobre la etnomatemática presente en el proceso de construcción y utilización del Monde por el pueblo Guaraní Nandeva en el Tekoha Ypo'i, municipio de Paranhos-MS. La investigación evidencia que los conocimientos matemáticos están presentes en las prácticas tradicionales mediante medidas, proporciones, observación de rastros y organización de la trampa. La construcción del Monde demuestra una matemática vinculada a la vida comunitaria, a la relación con la naturaleza y a la transmisión de saberes entre generaciones. Así, la



etnomatemática fortalece la valorización cultural y contribuye a una educación intercultural, cosmológica, lógica y sociocultural, basada en los conocimientos ancestrales y en la preservación de la identidad Guaraní Ñandeva.

Palabras clave: Etnomatemática. Monde. Saberes tradicionales. Educación Indígena. Cultura Ñandeva.

